

Self-mídias. O self, o rosto, as mídias e os selfies¹

Bent Fausing

Professor associado na Universidade de Copenhagen, Ph.D. em Formas de Fascinação (Faculdade de Mídia e Comunicações), e Diretor de dois programas de pesquisa: Digi-Comm e o internacional Ciência de Imagens Sensórias. Contato com o autor: fausin@hum.ku.dk

Resumo: O self e a identidade não são apenas tópicos relacionados aos selfies. Eles estão ligados ao desenvolvimento das mídias desde o Renascimento, as self-mídias. Esta é a tese a seguir. O sujeito, o self, é mais claramente exposto no rosto; e rosto e identidade tornam-se importantes nas mídias desde o Renascimento. Os selfies são justamente o mais novo desenvolvimento nesta tradição, a qual começou com a invenção do espelho, o livro (impressão), e a pintura em miniatura. Todos eles põem o sujeito, tanto produtor quanto receptor no centro. Este foi o início do sujeito moderno. O desenvolvimento continuou por todos os séculos posteriores. Os selfies são a nova criação para descobrir, explorar, visualizar e encarar o self (o próprio) do sujeito. Assim, o que se segue irá enfatizar o self, o rosto, onde o self é mais visivelmente expresso e visto, e as self-mídias, onde o indivíduo pode encarar a si próprio (a).

Palavras-chave: Self-mídias. Self. Sujeito. Rosto. Espelho. Mídias. Selfies.

Abstract: The self and identity are not only topics related to the selfies. They are connected to the development of media since the renaissance, the self-media. This is the thesis of the following. The subject, the self, is most clearly exposed in the face, and face and identity becomes important in the media since the renaissance. The selfies is just the newest development in this tradition, which began with the invention of the mirror, the book (printing), and the miniature painting. They all put the subject as both maker and receiver in the center. It was the beginning of the modern subject. The development continued throughout the coming centuries. The selfies is the newest creation to discover, explore, visualize and find the self of the subject. The following will thus emphasize the self, the face, where the self is most clearly expressed and seen, and the self-media, where the individual can face him- or herself.

Keywords: Self-media. Self. Subject. Face. Mirror. Media. Selfies

¹ **Nota do autor:** Discurso originalmente proferido na Conferência Internacional sobre Ciência de Imagens Sensórias, Sassari, em 24 de Julho de 2014. Eu alterei e adicionei nova matéria ao discurso, neste artigo. Muitos agradecimentos sinceros e considerações aos pesquisadores, estudantes e outras pessoas, que compareceram à conferência de Sassari, e que participaram das discussões. Sua presença foi grandemente apreciada e muito estimulante.

1 Uma abertura...

Cunhou-se, primeiramente, o termo Self-mídias, em meu artigo *Selfies moldam o mundo: Selfies, healthies, usies, felfies*” (FAUSING, 2014, p. 108). Até então, eu não tivera oportunidade de aprofundar-me no termo e suas implicações. Tentarei fazer isso em seguida.

O self e a identidade não são apenas assuntos relacionados aos selfies. Eles estão ligados à expansão das mídias desde o Renascimento, esta é a tese a seguir. O sujeito, o self, é mais claramente exposto no rosto, e rosto e identidade tornam-se importantes nas mídias desde o Renascimento. Os selfies são justamente o mais novo desenvolvimento nesta tradição, a qual começou com a invenção do espelho, o livro (impressão), e a pintura em miniatura. Todos eles põem o sujeito, tanto produtor quanto receptor no centro. Este foi o nascimento do sujeito moderno. O desenvolvimento continuou por todas as épocas posteriores. O selfies são a última invenção para descobrir, explorar, visualizar e encontrar o self do sujeito. Conseqüentemente, o que se segue irá, naturalmente, focar no self, o rosto, onde o self é mais claramente expressado e visto, e as self-mídias, onde o sujeito pode encarar a si próprio (a).

2 O Self

2.1 Autorreflexão

Somos especialistas quanto às coisas que concernem a nós mesmos, alguém pensaria. Ninguém mais conhece nossos pensamentos, anseios, dúvidas, recordações e estórias, como nós o fazemos. Ainda assim, outras pessoas têm o controle em um aspecto decisivo.

Figura 01 : Primeiro selfie fotográfico, tirado por Robert Cornelius, 1839.



Fonte: Biblioteca do Congresso/Google Pictures.

Eles podem ver nossos rostos. A fim de ter, no mínimo, um pouco do conhecimento que outros têm sobre nós, podemos usar um espelho para ver nossos rostos. Alternativamente, podemos tirar um selfie. Reflitamo-nos em um espelho ou em uma fotografia de nós mesmos e, por meio disso, refletimos sobre nós mesmos. Distinguimo-nos dos animais através de nossa autoconsciência. Se segurarmos um espelho à frente de um animal, este pensará ver outro de sua própria espécie. À exceção de certos chimpanzés, os animais não identificam a si próprios. Olhar a si mesmo em um espelho ou representar-se em um autorretrato, um selfie, é uma forma de reflexão que não somente nos separa dos animais, como também de outros seres humanos, porque, através da autorreflexão, adentra-se ao caráter e torna-se indivíduo. Além disso, é também uma ação pela qual se torna algo ‘em si mesmo’. Literalmente torna-se único.

A habilidade de se ver quando se olha é algo unicamente humano. Por refletir-se em um espelho e em um retrato, o selfie, torna-se diferente de todos os outros indivíduos, a despeito de muitas características comuns em nossos rostos. Não é à toa que a reflexão significa curvar-se para trás, espelhar-se, e pensar. Em suas imagens no espelho, os indivíduos curvam-se para trás em relação a si, a fim de observar-se, e sua possível interação com outros. Por meio da visão de si mesmo, tem-se a oportunidade de auto avaliação e autorreflexão. No espelho e na nossa própria imagem, nossa face externa encontra-se com nossa consciência interior. Quando se olha no espelho ou em um selfie, deixa-se possuir pelo próprio rosto, porque se mostra a aparência daquilo que se tende a mascarar ou que se tem o desejo de mascarar. Adquire-se autoconsciência e, em sentido mais amplo, autorreflexão. Como eu olho para os outros? Irão eles me aceitar?

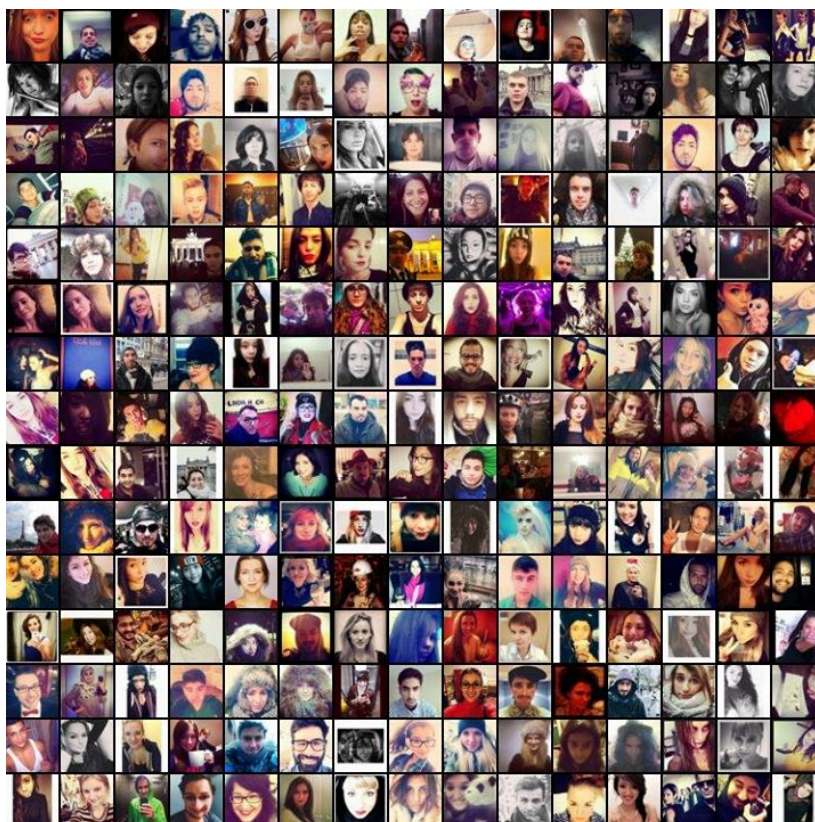
O estágio do espelho (LACAN, 2001) é a fase em que as crianças tornam-se autoconscientes de sua adequação ou inadequação por sua imagem no espelho, e por compararem-se a outros como espelhos. Em vez disso, no selfie, é um adulto ou quase adulto quem está testando e buscando aceitação e reconhecimento do mundo exterior, por meio de uma imagem de espelho. A diferença entre o estágio do espelho e os selfies consiste principalmente no fato de que, na maioria das vezes, são os adultos que buscam aceitação através.

2.2 Visualizar-se o que se é

Em 2007, em um artigo chamado Por que Sites de Redes Sociais de Jovem, a antropóloga Danah Boyd explicou que “escreve-se a si mesmo introspectivamente” nas mídias sociais. A assertiva não é mais verdadeira. Agora, com as mudanças no *Facebook* com *Timeline*, a emergência do Pinterest, Tumblr e Instagram, e as mudanças na velha plataforma de fotografias Flickr, a afirmação deveria mais propriamente ser: visualiza-se o que se é. Quatro tendências paralelas surgiram nas mídias sociais em anos recentes. A primeira é que o compartilhamento online requer cada vez menos tempo. A segunda é que as mídias sociais

tornam-se mais visualmente orientadas. A terceira é que as redes centradas em tópicos estão substituindo os sites centrados em grupos.

Figura 02: Rostos e selfies.



Fonte: Google Pictures, 15 de Julho de 2014.

A quarta é que há uma mudança, desde fazer comentários escritos e substanciais a indicar-se a presença por curtas afirmações efusivas do tipo “uau” ou o uso de sinais visuais, por exemplo, um coração. Pinterest e Instagram representam a culminância das quatro tendências. Além disso, o selfie é um importante meio de expressão sobre o self neste desenvolvimento nas mídias sociais, e o mais importante fator no desenvolvimento destas mudanças. A câmera é usada como um espelho no selfie; frequentemente, há um espelho real na foto, de modo que há um reflexo em um espelho, já que a foto mostra tudo isso. O estágio do espelho é aquele em que as crianças tornam-se conscientes de sua competência ou incompetência por sua imagem no espelho ou por relacionarem-se com outros como espelhos. Os olhos dos outros constituem espelhos especialmente importantes para o autodesenvolvimento. A imagem do espelho funciona de modo semelhante no selfie, não

obstante acrescentar que não se trata mais de uma criancinha. Ao invés disso, é um adulto ou quase adulto quem testa e busca por aceitação e aprovação do mundo exterior, por meio da imagem de espelho no selfie. A imagem de si mesmo é importante e não necessariamente uma tendência narcísica.

Figura 03: Filósofo Theodor W. Adorno preparando-se para sua imagem de espelho tirada com um auto-temporizador.



Fonte: Tumblr/Google Pictures February 20, 2015

Receber reconhecimento faz-se necessário à constituição e existência do ego. O filósofo Axel Honneth vê uma demanda antropológica necessária à vida em reconhecimento, a qual se funda desde cedo entre mãe e filho, e que se torna uma matriz sobre a qual toda a aceitação e o reconhecimento posteriores são criados.

3 O rosto

3.1 A importância dos rostos

Encara-se o mundo com o próprio rosto. Está-se face a face com o entorno. É-se reconhecido, sobretudo, por seu rosto. Não é coincidência que se chamem às mídias sociais Facebook, e não Footbook. É também no rosto que se situam todos os nossos sentidos. O face a face entre mãe ou pai e criança é de vital importância ao desenvolvimento das futuras interações da criança e de sua habilidade de construir relacionamentos e manter a interação (WINNICOTT, 1999; STERN, 2000; TURKLE, 2011). Entretanto, também aprendemos como manipular com o rosto, como colocar literal ou metaforicamente uma máscara. A aparência de avatar dirá muito acerca de nossos desejos e medos, sonhos e vontades, esperanças e ansiedades.

Figura 04: Outra imagem de espelho. A câmera é (usada como) um espelho no selfie; geralmente, há um espelho real na foto, assim há um reflexo em um espelho, já que a foto mostra tudo isso . Ela está tirando um selfie com espelho, em espelho, dentro de um espelho.



Fonte: Tumblr/Google Pictures October 5, 2014

A palavra fachada, colocar uma fachada, vem de face. Coloca-se outra e talvez falsa face. Tomaram-se as imagens aqui, admitindo diferentes fachadas em diferentes ambientes. Alguns ficaram – seguindo a caracterização de Paul Valéry – silenciosos, alguns agitados, e alguns estavam até mesmo cantando. Todas as expressões em que um rosto pode tornar-se. Alguns me convidaram a aproximar, alguns foram acessíveis, e alguns se fecharam por completo. Aqui jaz outra tese em minha abordagem às fachadas: percebemos um rosto não importa vemos. As matrizes fundamentais a partir do primeiro estágio entre mãe e criança nos acompanham como uma fonte de ‘rostos’ encontrados, que nós gostamos ou desgostamos, aberturas às quais gostaríamos ou não de nos relacionar, ultrapassar ou nos distanciar. Crianças frequentemente desenham um carro ou uma casa como um rosto, diversos desenhos e comerciais de TV ensinaram-nas este antropomorfismo. A “Rosquinha Cantante” é – ainda – meu favorito dentre os muitos exemplos.

4 A máscara facial

Há situações em que apenas parece procurar-se uma expressão da face, e não a ambiguidade de muitas expressões faciais e rápidas mudanças de expressões. Ainda assim, tem-se que perceber que a ambiguidade facial é também significativa neste caso. Ela se aplica à máscara. Por meio da máscara, pode-se ser todos aqueles que se quer. A máscara é um recurso visual que não parece revelar a verdadeira identidade. Pode-se mostrar aspectos negativos ou positivos como agressão e desejos, sem expressar quem se é realmente. Com a máscara, aparentemente não se é pessoalmente responsável por suas ações. Em uma época de vigilância, tecnologia televisiva e computacional, a máscara é um instrumento essencial a qualquer assaltante de banco, ladrão ou terrorista.

Os criminosos ou quase criminosos, aqueles que se excedem à lei ou tomam-na em suas próprias mãos, como a proibida organização terrorista Ku-Klux-Klan, e sua máscara, selecionam as máscaras. A máscara permite que se viole a lei e se preserve o anonimato. O fotógrafo Andres Serrano tirou uma famosa fotografia de um membro da Ku-Klux-Klan; nesse contexto ele revelou a diferença entre a aterradora impressão que estes tinham com a

máscara e o capuz e, em contraste, a frágil e oprimida aparência no rosto das pessoas que apareciam sem disfarce.

5 Ocultar e revelar

Faz parte do jargão do ator a frase ‘colocar a máscara’, isto é, colocar maquiagem e peruca. A pessoa que faz isso é um ‘mascarado’. Tem-se também um gama de frases cotidianas, em que a máscara é incluída para destacar que as expressões faciais são ocultadas por outras; colocado em outras palavras, uma máscara sobre a verdadeira expressão; pode-se tentar ‘manter as aparências’. Também pode ser ‘ficar preso na máscara’, então se acautela quanto à grosseria e adota-se uma expressão em particular, própria dele ou dela, como uma máscara. Alternativamente, um sinônimo que podemos usar em um caso desses, ‘fachada’.

Podemos tentar ‘manter as aparências’ e não trair nosso verdadeiro objetivo e gosto. Podemos apenas tentar, porque o corpo, como tal, e o rosto, especialmente com sua alta concentração de músculos incontroláveis, inclui sinais pré-conscientes e inconscientes que podem ser difíceis de ajustar. Até mesmo os jogadores de pôquer definem tal jogo, precisamente por seu autocontrole.

A máscara que se põe e seu ego corporal são como máscaras de brinquedo. Máscaras são rostos que se adquirem, personalidades imediatas. A máscara é a mais imediata e difundida forma de disfarçar o self – e assim, transforma toda a pessoa – que existe. A máscara é a face da imaginação, porque com ela existe a possibilidade de ser qualquer um que se queira. Entretanto, as máscaras que escolhemos também nos expõem. A máscara tanto oculta quanto revela.

Por outras palavras, o desempenho do ator é a melhor informação sobre a pessoa. Desta forma, a máscara pode desmascarar quem está por trás dela. A manipulação da identidade (GOFFMAN, 2010, p. 132) pode, conseqüentemente, revelar os sonhos e anseios da pessoa que tenta encenar-se. O fotógrafo e ensaísta Richard Avedon (1989) fala sobre a atuação, ou, em sua própria terminologia, o desempenho; mas isso não deveria denegrir a imagem, ao contrário, a máscara revela o superficial e contém a síntese. O superficial é tudo que se tem. Ele fala de nossos desejos, vontades, anseios, e assim sonhos escondidos.

Semelhante argumento tem o psicólogo Silvan Tomkins, que não vê o afeto como algo escondido, uma verdade mais profunda que está oculta, mas em vez disso, como algo manifesto muito direta e claramente na pele do rosto. Nessa perspectiva, Avedon explica acerca da abertura da máscara: “A questão é que não se pode chegar à coisa mesma, rasgando o superficial. O superficial é tudo que se tem. Só se conhece o que está por trás do superficial, tratando com ele”. (AVEDON apud SONNENBERG, 1989, p. 117). Chega-se agora a algo essencial, porque por um lado, uma máscara pode ocultar; mas, por outro, é também uma capa ambivalente e ambígua, que pode dizer mais sobre a verdadeira pessoa do que a face descoberta. Conquanto possa haver discrepâncias entre o ser real da pessoa e os atributos faciais que lhe pertencem, e então a face da máscara.

Transformação ou transfiguração ou esconder: eis o dever da máscara. É também a máscara que pode revelar os mais profundos sonhos e desejos. A transformação da pessoa pela mudança das expressões faciais por meio da máscara ajuda a que se vá do ser que se é, àquele que se quer ser. Com este último em mente, não é tão estranhamente natural ou difícil entender porque a máscara, percebida simplesmente como face, chega a simbolizar “os aspectos solares e energéticos do processo vital”. (CIRLOT, 1990, p. 206). Esta transformação não é secreta, mas algo que expressa – recortes de – potenciais e ação. Outro passo a sugerir em relação às mídias, tal como se discutiu acima. Sherry Turkle (1995) fala sobre a ‘dramatização’, em Vida na Tela (1995, p. 188), tal como em grupos de terapia e oficinas teatrais, face a face, versus as vidas paralelas, os que vivem nas salas de bate papo da Internet – e agora Redes Sociais – concomitantemente à vida física real do ser.

Na tradicional dramatização face a face, entra-se e sai-se da máscara, por assim dizer. Quando o encontro ou o final de semana acaba, então você sai do personagem. Salas de bate papo e mídias sociais oferecem, de preferência, uma expressão, uma máscara se se quiser, que é uma identidade paralela à verdadeira identidade, e as fronteiras são mais fluidas, mesmo depois que se identifica. Entretanto, é também uma expressão de oportunidade e força. Carregam-se potenciais e empoderamento em si, e ambos podem se tornar conhecidos nas máscaras faciais virtuais e concretas. Nunca se perde prestígio, veem-se ambos por toda parte ao redor.

Figura 05: Protesto dos espelhos na Ucrânia, em Janeiro de 2014. ‘Olhe-se’, você, a polícia e os militares, que protestam contra a ditadura de V. Yanukovich, são um de nós. Veja você mesmo no espelho. Não se destrua ou atire em si mesmo. As imagens e o espelho ao nosso redor refletem seres humanos e poderiam ajudá-los a ter consciência de nós mesmos.



Fonte: Internet, net.ua/Huffington Post 14.01.2014

6 As Self-Mídias

6.1 O desenvolvimento das self-mídias

Seja onde quer que estejam, as pessoas veem imagens de si mesmas em espelhos todos os dias. Em frente ao espelho pela manhã, no decorrer do dia no banheiro, e em imagens refletidas em janelas e superfícies brilhantes pela cidade. Imagens de espelhos permeiam nossos espaços privados e públicos. Todo ser humano está familiarizado com a aparência de seu corpo inteiro, incluindo expressões faciais, gestos, e linguagem corporal. Nossa criação de e experiência com tal aparência está embutida como um componente essencial de nosso conhecimento consciente e inconsciente.

É quase impossível imaginar um mundo sem espelhos e a perda de familiaridade com o self, que um mundo assim significaria. Sabe-se que as pessoas andarilhas e sem-teto podem perder a imagem interna de sua própria aparência, não mais podendo reconhecer-se imediatamente em um espelho.

O químico e escritor Primo Levi (1992) descreve as características humanas do espelho, em mais de um sentido, em ambientes em que a humanidade se anulou: “Em Auschwitz, um jovem prisioneiro vê duas mulheres olhando-se em uma poça de lama. No campo não há espelhos – a fim de evitar tentativas de suicídio [!]. Elas viram-lhe as costas; elas usam um cachecol ao redor das cabeças, e suas vestes estão em farrapos. Ele olha atentamente à água barrenta e reconhece alguns traços. Elas são suas primas, trazendo-lhe notícias da família”. (*Ist das ein Mensch? München*, 1992, p. 8). Pode haver alguma esperança ao ver-se em um espelho, quando se está em um inferno como um campo de concentração Nazista? Através do espelho e da imagem nele, pode-se ver, na própria face, a humanidade tão carente – no campo – de outro lugar. Mesmo as condições elementares para a consciência, que estão presentes no ato de se ver e observar-se, quiçá obtendo clareza, são essenciais para reforçar conjuntamente o sentido de visão, espelhos e mídias visuais.

Em outro campo de concentração, os prisioneiros conseguiram esconder um pequeno espelho, velho e que não refletia bem. À noite, o espelho era secretamente passado de prisioneiro a prisioneiro, como uma relíquia sagrada, na qual todos podiam identificar seus rostos, e assim, mais uma vez, tentar capturar (ou apoderar-se de) um dos mais importantes marcos do ser humano, em sua consciência, por meio do espelho. Em lugares em que toda humanidade parece ter desaparecido, o espelho traz de volta aos prisioneiros, a imagem essencial da humanidade, o rosto.

6.2 Uma autoduplicação

Tem-se o conhecimento do corpo e do rosto, não apenas como construído desde a tenra infância, por meio da ativa exploração do mundo e pelo uso do corpo e dos sentidos. Tem-se também uma consciência de espelho, entendida como um conceito do self exterior via reflexo em espelhos, o que está relacionado à possibilidade de autorreflexão. Tem-se, por assim dizer, uma visão exterior em relação a si mesmo, não obstante esta seja interior, porque se trata de si próprio – da perspectiva de si próprio. Uma autoduplicação: Olha-se a si próprio com os

próprios olhos, não com os dos outros. Na imagem do espelho, é-se tanto sujeito quanto objeto.

O próprio self e a autoconsciência têm-se feito mais e mais proeminentes, desde o Renascimento. É também durante o Renascimento que a individualidade começa a aparecer nos pequenos retratos, através de histórias individuais e literatura, e pela invenção do espelho. Em todas estas novas mídias caracterizadas pela formação de uma tela discreta ao redor da percepção do indivíduo, é o indivíduo, o self, quem cria e é criado, no encontro com as mídias. Este é o começo das sociedades do espetáculo (da tela). Na cultura Ocidental, um único ser humano não é, primeira e principalmente, parte de uma tribo ou família, como no caso, por exemplo, do mundo Árabe. É-se, primeiramente, a si mesmo, e a marca-pronome da própria época expressa isto: MySpace, YouTube, iPhone, iPad, iMac, iCloud...“Bem-vindo ao seu mundo” (TIME, 2006):

Figura 06: Você é a personalidade do ano em frente à tela do computador. Você está no comando via 2.0, seus cliques e uploads. Não se é um mero usuário, mas também, de agora em diante, um criativo e individual produtor de conteúdo e experiência. A velha rede autoritária se foi, e uma nova forma, flexível e mais ampla tem se formado e o colocado no comando. A tela que a cobre assemelha-se à do YouTube e com um teclado iMac. Tudo parece tão fácil e sob controle para você, mas qual o custo se for grátis. São necessárias as imagens, os afetos e histórias do *YOU*. No entanto, este processo é dinâmico e dá aos indivíduos a chance de reclinarem-se para trás, em relação a si mesmos, espelhar-se (projetar-se) e refletir. TIME - Personalidade do ano – Você – Sim, você. Você controla a Era da Informação. Bem-vindo ao seu mundo.



Fonte: Time, 26 de Dezembro de 2006.

Um resumo e recapitulação através deste modelo:

| O desenvolvimnto das Self Medias | | | | |
|---|------------------------|-------------|--------------------|-------------|
| Renascimento 1600 | 1839 | 1929 | 2006 | 2014 |
| Espelho | Reprodução fotográfica | TV | You Tube | Selfies |
| Livro (Impressão) | Revolução mecânica | | 2.0, 'Você', | |
| (Impressão) miniatura | Modernidade | | Revolução Digital | |
| | | | Modernidade Tardia | |
| Foco no sujeito/individualidade..... | | | | |

6.3 Autorretrato: Vê-se a si mesmo.

Certamente, é devido à interação de muitas coisas: trabalho, religião, criação, escolaridade, e muito mais. Isso se apoia também em nossa cultura à imagem, em contraste com as perspectivas ornamentais do mundo árabe. As imagens ao nosso redor também refletem seres humanos em seus modos, e os ajudam a ter uma consciência de si mesmos. Autoconsciência. Presume-se que a democratização do espelho seja o fator que mais estendeu e corroborou o impacto sobre o self e a individualidade.

Ao mesmo tempo, com a invenção do espelho, pequenas pinturas sobre cavaletes começaram a tomar o lugar de grandes murais. O formato reduzido e a crescente liberação e secularização dos temas em relação às regras divinas tem encorajado o artista a uma diferente técnica, e um olhar diferenciado do observador. Tanto a técnica quanto a observação tornaram-se muito mais íntimas e individuais. O mesmo aplica-se ao autorretrato, o qual surge concomitantemente com o espelho. O espelho e o autorretrato acentuam os mesmos novos significados na sociedade Ocidental: ver a si mesmo, criar uma reflexão de si mesmo e, desse modo, pensar sobre si mesmo e sua situação.

7 Como em um espelho

7.1 Mídias óticas e a experiência de massa

Ao espelho segue-se ainda outro meio, a câmera, tornada possível graças às lentes óticas produzidas a partir do vidro. A câmera podia criar imagens de espelho, retratos e autorretratos. Muitos destes.

Na trilha da emergência da câmera e suas lentes, vieram outras mídias óticas – filme, TV, vídeo, webcam e smartphones – que eram particularmente bem apropriadas para reproduzir o rosto: o close. A fotografia e as mídias visuais e audiovisuais relacionadas eram parte de uma sociedade que se voltou à produção e reprodução em massa, bem como à comunicação de massa. Esta nova produção e comunicação proporcionaram experiências de massa e, por meio disso, possibilitaram a muitas pessoas, acesso fácil e de baixo custo, para que vejam a si mesmas e, conseqüentemente, afirmem autoidentidade, em oposição às pinturas de retrato. Como em um espelho.

Figura 05: A vida por uma imagem.



Fonte: Fay Fausing/Bent Fausing, Correio Universitário Internet/Informação 24 de Abril de 2014.

Esta imagem é de Bangladesh, onde, em 2013, um trágico incêndio em uma indústria têxtil matou muitas pessoas. Um homem procura por sua esposa, filho ou parente, com uma desfocada foto. Sua grossa mão segura-a como se esta fosse seda, quase como uma carícia, ou algo precioso. Para ele, a imagem é vida; tal como em um espelho, ele a quer para refletir a vida, não obstante a foto ser um momento fixo e, em si, totalmente ‘morto’. Ele quer a vida de seu ente querido em troca de sua inestimável imagem estática. É uma imagem tocante e poderosa, mesmo sem a narrativa ligada à foto; pode-se sentir que é uma busca, um apelo. A

lembrança, que se afigurava evidente no uso do espelho nos campos de concentração de Primo Levi, faz-se, aqui, igualmente óbvia. A foto fala tanto em presença quanto em ausência, ela está aí (ali ou lá) com sua face, sua identidade e singularidade; todavia, ela se foi. Ele segura seu (o dela) fantasma na palma da mão, como uma oferenda aos deuses, na esperança de trazê-la de volta à vida... Na luta moderna, o drone mata por uma imagem. Aqui está o oposto, a vida pela imagem. O homem que segura a foto tateia o destino, o gesto expressa um desejo pela vida em vez da imagem.

Notas

*Winnicott desempenha importante papel no último livro de Sherry Turkle , “Sozinhos porém Juntos: Por que se espera mais da tecnologia e menos um do outro” (Cambridge, Mass. 2011). Em 15 de Julho de 2011, no Facebook, ela afirma a Jessica Broitman sobre a importância de Winnicott: “Jessica Broitman: Ah! Você e Winnicott. Sherry Turkle: Definitivamente, agrada-me pensar que estou puxando Winnicott para a era digital. Nesta, está-se esquecendo da importância da conexão (e da solidão)”.

Como se explicou no início deste artigo, primeiramente, cunhou-se, por assim dizer, o termo *Self-Mídias* em um artigo, que foi publicado em Dinamarquês, em Fevereiro, e em Inglês, em Abril de 2014. Aqui estão os dois links às versões Inglesas de meus artigos, em que se podem encontrar referências e elaborações adicionais sobre Self-Mídias:

<[https://www.academia.edu/4418191/Selfies and the Search for Recognition. See for your Selfie](https://www.academia.edu/4418191/Selfies_and_the_Search_for_Recognition._See_for_your_Selfie)>

<[https://www.academia.edu/4418191/Selfies and the Search for Recognition. See for your Selfie](https://www.academia.edu/4418191/Selfies_and_the_Search_for_Recognition._See_for_your_Selfie)> ou <<http://www.scribd.com/doc/213679678/Selfies-Shape-the-World-Selfies-Healthies-Usies-Felfies>>

Eu também gostaria de dar atenção a este artigo:

<[https://www.academia.edu/191097/Soulful Technologies. Everyday Aesthetics in New Media](https://www.academia.edu/191097/Soulful_Technologies._Everyday_Aesthetics_in_New_Media)>.

Meus sinceros agradecimentos ao Centro Internacional de Estudos Primo Levi, em Torino, e especialmente à Cristina Zuccaro, pelo auxílio.

Referências

- AVEDON, R. Borrowed dogs. In: SONNENBERG, B.(ed.) **Performance and reality**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1989.
- BOYD, Danah. Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life, 2007. In: **Youth, identity, and Digital media**, BUCKINGHAM, David ed., D, John. and MACARTHUR, Catherine T., Cambridge, Mass: MIT Press, 2008.
- CIRLOT J. E. **Symbols**. London: Routledge, 1990.
- FAUSING, Bent. **Selfies and the search for recognition. See for your selfie**. Academia.edu, 2013.
- _____. **Selfies shape the world**. Selfies, healthies, usies, felfies. Academia.edu 2014.
- _____. **Bevægende billeder. Om affect og billeder** Kobenhavn: Tiderne Skifter, 2014.
- GOFFMAN, Erving. **The Presentation of self in everyday life**. London: Penguin Books, 2010.
- LACAN, Jacques. **Ecrits. A selection**. London: Routledge, 2001.
- LEVI, Primo. **Ist das ein Mensch?: Ein autobiographischer Bericht**. München: DTV, 1992.
- MANOVICH Lev. An Archaeology of a Computer Screen. **Kunstforum international** 132, p. 124-135, 1995.
- STERN, Daniel. **The interpersonal world of the Infant: A view from Psychoanalysis and developmental Psychology**. New York: Basic Books, 2000.
- WELCOME to your world**. Time Magazine, December 26, 2006.
- TURKLE, Sherry. **Life on the screen: identity in the age of the internet** New York: Simon & Schuster, 1995.

_____. **Alone together: why we expect from technology and less from each other**
Cambridge, Mass.: MIT Press, 2011.

WINNICOTT, Donald W. **Playing and reality**. London:Routledge, 1999.

Tradução por Carlos Fernando Leite
Artigo recebido em fevereiro de 2015 e
Aprovado em março de 2015.